

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

N.º 6 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 94

Guimarães, 5 de Fevereiro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade — E.A.P.E.

Verdades amargas

Entre os factores que mais poderosamente podem contribuir para a instrução e orientação dos povos conta-se, e com justiça, a imprensa. Em todas as manifestações da actividade humana, em qualquer sentido em que ela se produza, exerce a imprensa primordial acção, propulsora umas vezes, propagadora sempre, ao mesmo tempo escola e tribuna se ensinam, defendem e debatem todos os problemas que interessam ao progresso e à civilização.

Mas, se em todos os campos ela é maravilhosa alavanca, potentíssima força ao serviço da intelligencia humana, um ha onde ela atinge a sublimidade e se torna mesmo inexecutível: o campo moral. Sob este aspecto, a imprensa é sem duvida o mais prodigioso factor da ordem social, da sua acção dependendo, em grande parte, a boa ou má orientação das massas. Bem compreendida, acima de tudo pondo a Verdade e o bem estar colectivo, isto é, exercendo cabalmente a sua missão, torna-se extremamente proficua, grandioso agente de beneficios sem par, fecunda em consequencias utilissimas, sobejamente conhecidas. Desde a sua invenção que isto se verificava e se proclama e, todavia, como estamos longe de que isto seja por todos reconhecido!...

Na imprensa jornalística, principalmente, notamos, com magua o dizemos, uma tal desorientação, uma tal ignorancia destas verdades, ou, o que é pior, tão grande indifferença por elas, que difficilmente evitamos a conclusão de que ela se esforça por demonstrar o contrario do que acima afirmamos.

E se desta imprensa jornalística destacarmos

a imprensa diaria e nos referirmos apenas aos periodicos provincianos, mais agravado vemos o mal. Salvo raras excepções, o que nela encontramos é exactamente o contrario do que deviamos esperar.

Em geral, enfeudada a um homem ou a um partido, a um grupo ou a uma seita, e tendo em mira somente a defesa de interesses parciais, ás mais das vezes muito restritos, tem a caracterizal-a um desprezo absoluto por tudo aquilo que está fora da esfera dos seus interesses e por todos aqueles de quem suspeita que podem contrariá-los.

Num alheamento completo das suas normas jornalísticas, essa imprensa, como rafeiro muito fiel ao dono, nada respeita, conspurca intencões, soffisma designios, em tudo mostrando um impudor, um rebaixamento moral digno de lastima, assim se tornando um forte instrumento de corrupção e perversidade; um agente de immoralidade, para a qual nada valem honra, virtude e justiça. E é isso que por aí abunda: jornais rafeiros onde escribas mercenarios babam, ora prosa bajulatória, ora venais diatribes.

Ainda a comemoração do 31 de Janeiro

Do Ex.º Administrador do nosso concelho, sr. Joaquim d'Almeida Guimarães, recebemos viate senhas que distribuimos pelos nossos pobres, em comemoração do 32.º anniversario da gloriosa revolução de 31 de Janeiro.

A distribuição dos donativos realizou-se na administração do concelho, pelas 13 horas, do passado dia 31.

Em nome dos contemplados, os nossos melhores agradecimentos.

REPUBLICANOS!

— A monarchia! — Elso inimigo!

— Desconfie de tudo e de todos. He je a conspiração é mais activa e covarde do que nunca. Todos os males da nação, males que ferindo-nos são, por felicidade, males de todo o mundo, eis o argumento velhaco de que lançam mão os nossos inimigos, aqueles que activamente cooperam na derrocada da nacionalidade, de mãos dadas, criminosamente, com galopins estrangeiros, caciques, talvez, de imperios desmantelados e vencidos.

— A vida encarece dia a dia e, embora não pareça, o apuro é o grande revolucionario que, quanto mais se esconde maior influencia exerce para levar o povo ao desespero, á revolta. — Alerta! He je no paiz a riqueza particular augmenta desde o pôr ao nascer do sol e augmenta criminosamente, desmedidamente, na mesma assustadora vertigem com que o Estado se vai definhando e empobrecendo! — O Estado passou a ser tido como um individuo e como tal se guerreia, esquecendo-se todos que os golpes com que o ferem são os mesmos com que ferem a alma de Portugal!

— Republicanos! E dentro da Republica que os traidores tripudiam, é á Republica a quem, amanhã, o futuro ha-de pedir rigorosas contas. — Basta! E' preciso que a nossa voz se levante — e tanto lenle como espadas, apontando os ladrões e os traidores sobre quem temo de cair, inexoravel, o coutele da Justiça! — Hoje a Republica é a Patria. — Combate-A, com a arma ignominiosa da traição; é arrastar Esta até á lama! Alerta! A Republica é a Patria; a Patria é Portugal!

A choupana acabará por dominar sobre o palacio. E' justo, porque toda a justiça jica sujeita a represalias.

Da Vida Gloriosa...

*Nuvem que sobe e ao sol se tonalisa
Numa orquestral de inesperadas cores,
Chama distante envolta em resplendores
Que irrompe e se ergue, e em luz se divinisa;*

*Emoção creadora e deslumbrada,
Enternecidos extases de Artista
Labios que beijam, piedosa vista
Em que a Vida é resada e é beijada;*

*Gestos dominadores triunfando,
Vastos silencias fundos, ecoando
Uma longinqua, indefinida voz,*

*— Tudo o que vive e sonha e luta e canta,
— Tudo no Amor palpita e se levanta,
— Em resplendor e gloria, — sobre nós!*

Do livro «Primavera de Deus».

AUGUSTO CASIMIRO.

SAFA!

Foi com este mesmo termo que nos serve de epigrafe que o «Jornal das Taipas», orgão do P. R. P. de Guimarães, iniciou as suas relações com «A Razão». Outra coisa era de esperar, se atendessemos a que se tratava de jornais republicanos e, como tais, ao mesmo fim votados; mas outra coisa não esperavamos nós, daqueles que assim se nos dirigem e que de ha muito veem evidenciando claramente os seus propositos a nosso respeito.

De facto, são para nós concludentes as insinuações lórgas com que o «Jornal das Taipas» pretendia apontar «A Razão» como orgão dos liberais, primeiro, e dos desidentes depois. E' um processo grosseiro este de ataque que não esperavamos se usasse entre nós. Mas uou-se, está se ainda a usar, o que bem prova a *boa-fé* dos que dele se servem.

Bem sabe o escriba que essas insinuações levantou, que nós não somos capazes de arrastar á ideia que nos trouxe até á imprensa; bem sabe ele que ninguém — ninguém — nos pode acusar de traficantes e, no entanto não hesitou: convinha-lhe mentir e mentiu.

Felizmente, perdeu o tempo e continuará a perdê-lo en-

quanto se der á ingloria faina de deturpar a verdade. E tudo isto teve a sua origem no facto de não termos dispensado á posse da vereação democratica umas colunas de prosa laudatoria. E' triste, mas é assim; é sintomatico.

Nós não sabemos se os republicanos se organizaram já em sociedade de elogio mutuo; não sabemos, mas se tal fizeram, creia o das Taipas, orgão do P. R. P. de Guimarães, que nós, republicanos que nada devemos nem pedimos á Republica, não nos inscreveriamos. Cá no nosso jornal não se tecem elogios a quem os não merece. Louvores e censuras vão na hora propria. Temos amigos na nova vereação. Deles esperamos muito de proveitoso para o concelho. Sabemo-los intelligentes e honestos e trabalhadores; mas d'á a dar-lhes louvores sem que eles por isso façam, vai um abismo que se não transjõe com verborreia, mas com factos.

Depois, sim; depois diremos da nossa justiça, sem outro proposito que não seja o de bem servir a nossa consciencia e o bom nome da Republica.

Antes disso nunca, por mais que nos ameacem as canelas,

Defender a Republica é defender a Patria. Patria e Republica são sinónimos.

SALUS POPULI

Reflexões sobre a egualdade

(Continuado de n.º 7)

Ha muito que dizer n'este capítulo; ha mesmo tanto que não sabe a gente por onde lhe pegar. Mas um ponto que, por isso mesmo que acarreta ouca de-peza, primeiro deve se prender a attenção dos novos edis, e o que se refere á questão da variola, e proposito da qual se pode começar por dizer que somos nós, talvez, o unico país da Europa, onde ela faz ainda estragos periodicos.

Hoje, que os beneficios da vacinação se estendem a toda a parte, indo mesmo até ao interior do continente negro onde a variola, que d'antes fazia verdadeira razias, agora quasi não existe, é positivamente uma vergonha verificar que, entre nós, só se apela para esse recurso, quando uma nova poussa da doença nos vem lançar o alarme no bairro.

Em vez d'um trabalho de vacinação persistente e aturado, como se faz, até custa citar o exemplo, em algumas das nossas colonias, que n'este ponto como em alguns outros nos vão na dianteira, levamos nós a nossa incuria a ponto de, por assim dizer, só se vacinar em epocas normaes quem de motu proprio assim o deseja; quando deveria ser precisamente n'estas occasiões que mais deviamos insistir n'esta salutar medida de profilaxia. E' que nós os portuguezes somos d'uma religiosidade muito sui generis, só nos lembrando de Santa Barbara quando ouvimos os trovões.

A lei exige o atestado de vacinação para o desempenho de cargos publicos e para a admissão a exames. Mas a verdade é que só uma parte pequena da população é atingida por ella, escapando-se-lhe o maior numero, que não quer saber de estudos, nem se propõe tão pouco comer á meza do orçamento. Se se tratasse d'uma população, já não dizemos culta, mas que tivesse ao menos a noção clara das suas proprias conveniencias, ainda se entendia que a lei não fosse mais alem. Mas n'um povo como o nosso, onde o analfabetismo domina, e os maus preconceitos imperam, só obrigando, e obrigando deveras.

Emquanto, porem, se não lembrar d'isso os altos poderes, vamos nós por outros processos procurando combater tão viva relutancia.

Dadas as difficuldades que ha a vencer, o delegado de Saude, que é a entidade a cargo de quem estão estes serviços, não poderá de por si só dar conta do recado. Comprehendemos e somos o primeiro a reconhecê-lo.

Mas é precisamente n'esta altura que a intervenção da Camara tem lugar, sendo esta a razão porque a ela nos dirimos.

A Camara pode auxiliar o medico, ou fornecendo vacinas e pessoal, se forem necessarios, ou então, e este é

que seria um grande auxilio, convocando os diferentes parocos do concelho para uma reunião, na qual, depois de expostos os altos beneficios da vacina, se pedisse a sua intervenção a favor de tão humanitaria causa.

Na pratica dominical, que em todas as igrejas se faz, podiam eles, os padres, quebrar perfeitamente a relutancia do povoinho. Questão é que a isso se disponham. A gente do concelho é essencialmente religiosa, a ponto de, mesmo em materia de Saude, respeitarem mais a indicação d'um padre do que propriamente a opinião d'um medico.

E sendo assim, porque não havemos nós de aproveitar esta maneira de ser, quando é certo que por intermedio d'ella podemos facilmente conseguir o fim em vista?

O delegado de Saude d'um concelho proximo, Amares segundo ouvimos, conseguiu por este processo acabar com a variola nas terras da sua jurisdição.

Façamos pois, nós, outro tanto, já que mais longe não podemos ir.

Mário Jorge.

N. da R. — Chamamos a attenção de quem compete para o que neste artigo se diz. A prova de que o nosso illustrado colaborador tem absoluta razão no assunto que trata, ficam-nos tendo os leitores no facto de a variola se vir manifestando, nestes ultimos tempos, e com notavel intensidade, na vizinhança do Porto, onde as autoridades sanitarias estão tomando todas as medidas para debelamento do mal.

SAIBAM QUANTOS...

No penultimo numero do «A Razão» publicaram-se, entre outras, duas locais, uma referente á luz e outra a certos casos que na administração deste concelho, e não no das Taipas, se vinham dando com a concessão de licenças de uso e porte de armas. Na melhor das intenções as publicamos, como vamos provar. Com um proposito politico bem conhecido, dizem os inimigos da actual vereação — nem todos — que a Camara eleita é a Camara do sr. Jordão; que este agora vai fazer o que lhe der na gana e mais alguma coisa. Isto não se diz á boca pequena, diz-se á boca cheia. De modo que ao verem uma lampada apagada, logo os censores berram: isto está por conta do Jordão. Os censores são muitos — devem sabê-lo melhor do que eu — e os motivos de censura eram diarios, para não dizer noturnos, e daí o lembrarmos de chamar a attenção para o caso.

Quanto á outra local, quem não sabe que na administração se fez — não sei se ainda se faz

— politica com a concessão de licenças? Quem o não sabe? E como se explica a attitudetomada para com «A Razão», se noticia identica tinha sido publicada no semanario republicano de Braga, «O Lusitano» dias antes, sem que contra o informador ninguém protestasse? Como explicar o destempero do «Jornal das Taipas», órgão do P. R. P. de Guimarães? Muito simplesmente: é ainda a tal falta da prosa laudatoria na posse da vereação. Aquilo foi osso que se lhes atrancou na gorja, a ponto de eles não poderem dizer mais do que asneiras nem ver as lampadas apagadas. E como não vejim outra de nos fazer pagar caro o arrojo que tivemos de erguer a vez onde só eles se julgam com direito de falar, vá de nos atirar com uma data de talassas. Assim mesmo. Com uma subtilza saloia, misturando alhos com boçalhos, numa revelação de supina estupidez, os republicanos das Taipas fingem desconhecer os factos que apontamos, e que todos conhecem, tomam a attitudede quem passa uma rasteira e bradam, para espantar o auditorio: *Talassas! são talassas!* Que grandes rombados! Como se alguns dos que aqui escrevem precisem de ir ás Taipas buscar o atestado comprovativo do seu republicanismo, não desse republicanismo de tanga e carapinha, intolerante e inconsistente do escriba que nos a, oda de talassas, mas de um republicanismo que nos vem de convicções bem firmes e por demais provadas.

Como se algum de nós fosse desses vidcirlhos da politica, com lampada acesa em Meca e em Jerusalem, uma mão na pèra do Afonso outra na pèra do Machadoinho — que eles me desculpem se já não usam disso — guiando-se em politica pelo mesmo processo por que o perdigueiro se orienta no montado, pelo fardo.

Não, eximios troca-tintas; pelo pre-ente e pelo futuro pode bem responder um passado limpo e sem tibiezas, uma conducta que, intransigentemente republicana, é, por isso mesmo, o melhor atestado da nossa fé politica. Eu bem sei que quem assim é não admite idolos e zomba dos regulos; eu bem sei que, quando se é democratico convicto, se não toleram nem dogmas nem despotar; eu bem sei que, aquele que é republicano consciente se não baixa ao papel de adulador ou serventuário assoldado; eu sei tudo isso e, portanto, compreendo a sanha do escriba das Taipas e o impudor com quem mente. Aquilo são *ordes*.

Da local «Luz» a que nos referimos, algum proveito se tirou: na estrada de Fafe houve concerto nas lampadas. De esperar é que o mesmo se tenha dado noutros ramais da iluminação, o que prova que só para o das Taipas havia más intenções da nossa parte.

Sem pretendermos reeditar e defender a velha doutrina do livre arbitrio ou renovar a debatida argumentação entre este sistema e o determinismo, questões já hoje um tanto holo-rentas no campo da filosofia e da moral, é todavia indubitavel que o homem, embora até certo ponto deva ser considerado como o producto do meio em que vive, cria tambem, exclusivamente por si só, o bem ou o mal á sua volta.

Excluo os tarados, os unicos irresponsaveis em absoluto. O que nos obriga portanto a resistir ou ceder ao meio prejudicial é simplesmente o grau de vontade de força moral de cada um. E' vulgarissimo encontrar-se individuos que em meios identicos e nas mesmas condições iniciais de vida e com as mesmas aptidões materiais — uns chegam ás situações mais destacantes e privilegiadas enquanto outros estacionam, quando não retrocedem.

Uns vencem na vida — eram os mais fortes, os mais aptos: lutaram e venceram na concorrência. Outros deixaram-se vencer por inanição, por desleixo, por cobardia, por comodismo, por indolencia moral, por inaptidão enfim — eram os mais fracos: é lei e condição natural que sejam dominados pelos mais fortes.

O que de maneira alguma é admissivel é que se estabeleça a apregoada egualdade humana, negando inclusivamente o direito da propriedade e despossando os que trabalharam e criaram qualquer especie de riqueza (porque tinham aptidões) para que essa espoliação violenta reverta em beneficio dos que por qualquer motivo não souberam ou não puderam crear tal riqueza á sua volta. Só o aumento progressivo do bem estar que cada homem é capaz de crear por si e para si ou para os seus (familia e, dentro de certos limites, — a patria), embora reverta indirectamente em beneficio geral, produz a vontade e o amor ao trabalho. O altruismo é formado por um agregado de egoismos.

Trabalhar cada um *directamente* para todos, para a comunidade humana, seria o mesmo que trabalhar para... ninguém, para nada, visto que, sendo os beneficios desse trabalho igualmente distribuidos por todos, não poderíamos sentir o bem estar progressivo, por falta de confrontos, tal como num espaço

sem pontos de referencia não pode haver a noção de movimento. Quer dizer: o trabalho numa organização comunista conduz necessariamente á negação do proprio trabalho, á insatisfação na produção, á falta de estímulo, falta esta que nos leva portanto á inacção. Estes são na verdade os resultados bem patentés na desorganização economica da Russia de hoje, exemplo frizante da falencia de tão condenaveis utopias!

O proprio sabio, cujas descobertas são trabalho de ordem geral que beneficia a humanidade inteira, não está com os olhos postos na dôr da humanidade quando se esforça em pôr a claro uma nova verdade scientifica. Move-o apenas o amôr da sciencia pela sciencia, o sonho e a vaidade da gloria, talvez até o pensamento dos lucros materiais que lhe advirão da sua descoberta revelada.

O seu generoso altruismo não vai alem dos que lle são queridos pelos laços do sangae — a familia, pelos laços do espirito — os amigos, e quando muito pelos laços da raça — a nacionalidade.

Pasteur quando lançou mãos á obra das suas experiencias para descobrir a vacina contra a hidrofobia não estava certamente com o pensamento e o coração oprimidos pela morte de algum chinez ou patagonio que tivesse sido mordido por cão raivoso...

O amôr á humanidade é uma coisa em que se fala muito e sente pouco. Concepção vasta de mais para um coração tão pequeno como o do homem. Não cabe nele o mundo inteiro.

M. G.

(Conclae no proximo n.º)

BOM CAMINHO

Por ordem da administração e da Camara Municipal tem sido abatidos muitos cães vadios. Com prazer registamos o facto, certos de que eram necessarias medidas tendentes a limpar a cidade e concelho dos perigos da raiva, que por esse país fóra vem fazendo numerosas victimas.

São dois coelhos mortos de uma cajadada: combate-se a raiva e livra-se a cidade da fama de rival de Constantinopla no assunto *cães*.

ECOS

Serenamente

Não queremos levantar questões com republicanos. Com muito empenho tentamos evitar tudo quanto possa ferir a união dos republicanos vimezanenses. A maneira infame como o Jornal das Taipas, que se diz republicano, nos trata, forçou-nos a responder-lhe conforme o fazemos no presente numero.

A questão do Jornal das Taipas, veio nos provar que ha, dentro da familia republicana, verdadeiros trauliteiros pintados de verde e vermelho, que é necessario desmascarar e a quem só convem a desunião entre os republicanos.

Fomos provocados... ahi começa a ir a resposta.

Alviçaras

Dão-se ao primeiro cavalheiro que nos indique um colaborador de A Razão que não seja intransigentemente republicano. Equamente se dão a quem nos prove o republicanismo do trauliteiro Guido, redactor do Jornal das Taipas.

Um trauliteiro

O senhor Guido Frederico von Dellinger é o Redactor Delegado da Empreza do Jornal das Taipas que no seu numero ultimo nos chama monarquicos.

Este cavalheiro, trauliteiro de 4 costados não nos merece a minima consideração.

Somente lhe queremos preguilar se afinal a coiza foi ou não coberto com a bandeira azul e branca...

Integraleiros

Prosa do sr. José Pequito Rebelo no jornal integralista a Ideia Nacional. «Governe, pois, o Rei; e governando o Rei não governe o Parlamento; assim como governa o lavrador e não a assembleia dos seus creados».

Creados?!?!... Bem nos parece que o sr. Pequito errou a evocação: Jornalista? nunca. O sr. Pequito nasceu mas foi para lacaio...

Cronica Sportiva

Foot-ball

No domingo passado realizou-se o annunciado desafio entre o Maçarico sport Club da Povoia de Varzim e o Academico Foot-ball Club desta cidade, resultando uma vitória para o Maçarico de duas bolas a uma.

O grupo da Povoia de Varzim desenvolveu um jogo muito regular, salientando-se o seu defesa esquerda que mostrou ser um esplendido jogador.

Do A. F. C. o melhor jogador foi sem duvida o meia defesa centro, Alvaro Areias; distinguindo-se ainda: David Maciel, Jorge, Pantes e Juca. Os restantes trabalharam com vontade, notando-se no conjunto pouca combinação, que julgamos ser devida á falta de treino.

Foi arbitro o distinto sportman desta cidade sr. M. M. Guimarães que apesar de deixar passar algumas faltas, fez uma arbitragem muito regular.

* * *

No dia 31 de janeiro jogaram em treino amigavel o Academico Foot-ball Club desta cidade e um team militar a que á ultima hora faltaram dois elementos, que foram substituidos pelos distintos foot-balls Adriano Mendes e Afonso Pires.

O treino correu muito cordial, tendo terminado pela vitória do team militar de 3 bolas a 0.

O Academico jogou regularmente resentindo-se bastante do seu pouco peso e falta de treino.

O team militar jogou com muita vontade, tendo-se salientado o seu defesa esquerdo, sena, que foi, sem duvida, o melhor homem em campo.

A arbitragem a cargo do distinto jogador sr. David Maciel foi imparcial.

Oxalá que treinos eguaes se repitam, pois todos terão a ganhar com eles.

* * *

Consta-nos que se trata de formar um forte grupo de foot-ball, nesta cidade, de que façam parte os nossos melhores jogadores.

E' uma bela ideia que se deve levar avante e de que somente trataremos no proximo numero pela absoluta falta de espaço.

Viriãto.

O RELATORIO

Fizemos num dos numeros anteriores breves referencias ao relatorio da Camara transata. Continuaremos hoje, ligeiramente, na nossa critica.

O relator reconhece, honestamente, que o relatorio é incompleto e para lastimar é que assim suceda. Muito seria para desejar que no relatorio apparecessem alguns mapas de receita e depeza de maneira a que se pudesse fazer uma precisa ideia do movimento da Camara.

Tambem para lastimar é que essa desfeza indispensavel, dos actos da comissão executiva não apparecesse em tempo oportuno.

Quando a propaganda monarchica era mais intensa e os

monarquicos não tinham pejo de encher as colunas dos seus jornaes de lama com que procuravam atingir os republicanos, é que seria da maior utilidade que apparecesse a vereação da Camara anterior a mostrar como tinha cumprido com o seu dever. Na verdade, se devemos censurar a por não ter tido a coragem necessaria para encarar como devia algumas questões que se lhe ofereceram, tambem temos a louva-la por alguns dos seus esforços em favor da cidade, esforços que foram coroados de pleno exito.

E isio provaremos no proximo numero.

* * *

E a proposito:

Constou-nos que a nossa comissão executiva da Camara, começou, no desempenho do seu mandato, por perseguir um velho republicano que exercia o seu lugar com toda a competencia e zelo.

Não acreditamos. São republicanos os novos vereadores e portanto incapazes de cometerem actos que só lhes acarretariam desprestigio e criariam uma atmosfera de antipatia para o seu partido. Os novos edis bem sabem que não foram eleitos para exercer vinganças ou servir uma determinada facção em detrimento de outra, mas sim para zelar os interesses do municipio.

Uma boa administração ainda é e sempre será a melhor propaganda a fazer em favor do seu partido.

Justus.

Comarca de Guimarães

ÉDITOS DE 30 DIAS

(1.ª Publicação)

Correm no inventario orfanologico a que se procede por obito de Francisco Rodrigues Torrinha, morador que foi na freguesia de Santa Maria d'Airão, desta comarca, a citar os interessados Manoel Rodrigues Torrinha, casado, auzente em parte incerta na França, e Paulo Martins da Cunha, solteiro, menor pubere conjuntamente com seu pai e representante legal Anonio Martins da Cunha, ambos tambem auzentes em parte incerta no concelho da Maia, respectivamente filho e neto do inventariado, para assistirem, querendo, a todos os termos até final do dito inventario, sem prejuizo do seu andamento.

Guimarães, 15 de Janeiro de 1923.

Verifiquei
O Juiz de Direito
Amadeu G. Guimarães.
O escrivão, do 6.º officio.
Agostinho da Costa Oliveira Bastos.

Fabrica da Madrôa

GUIMARÃES

Serração de Madeiras a Vapor

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES

— DE —

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de productos quimicos e especialidades farmaceuticas; solutos esterilizados, cuidadosamente dosados.

Aviamento escrupuloso de receita medico e com productos escolhidos recebidos directamente do estrangeiro.

GRANDE STOK DE ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.

Posto de socorros: } Mutnalidade Portuguesa
O Trabalho

Sapataria Elegante

DE

Artur de Oliveira Sequeira

Sortido completo de calçado para homem, senhora e criança

Largo do Priôr do Crato, 46—Guimarães

Officina de vassouras e escovas de piassaba e espanadores de cabelo

— DE —

Clementino Machado

Mêdêlo — F A F E

Concerta só as vassouras fabricadas nesta officina

QUINTA

Vende-se na freguesia de S. Romão de Arões, Fafe, junto á estrada.

Para informações: em Guimarães, com Alberto Faria, na Administração do concelho; em Vizeu com Alvaro Ribeiro de Freitas Guimarães; no Porto, com José Antonio Ribeiro da Silva, rua José Falcão, n.º 105.

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça para mesa, chá, café, e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97

GUIMARÃES



CASA das Novidades

Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais illustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 tolhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

GUARDASOLARIA VIMARANENSE

DE—

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto ás escadinhas)

Deposito de guardasóis e chapéus. Concertam-se os mesmos
Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1886

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a

Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de cré lito

Rua da Republica, 144 — GUIMARAES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas
LANIFICIOS

Antiga Merceria e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARAES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, velos, chumaceiras, tambores, etc.

"A RAZÃO"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre . . . 350 centavos

Anuncios e comunicados, contracto

Numero avulso . . . 20

especial

Ao Cidadão